

**Contação de histórias e o imaginário**CAIO, Larissa Santos<sup>1</sup>; BECKER, Daiane Acco Rossarola<sup>2</sup>

**Resumo:** A presente pesquisa tem por finalidade apresentar a importância da contação de histórias no desenvolvimento do imaginário dos alunos do Ensino Fundamental I. O questionamento norteador da investigação foi como a contação de histórias pode influenciar no desenvolvimento da imaginação e na desinibição do processo criador dos alunos. Na perspectiva de alcançar o objetivo proposto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, que possibilitou compreender e analisar os dados obtidos; bibliográfica, que ampliou o entendimento sobre o tema abordado e pesquisa de campo, momento em que o próprio pesquisador realizou contações de histórias e atividades relacionadas às histórias, envolvendo imaginação e criação. Foi desenvolvida com uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental I. No que se refere às aulas desenvolvidas com a turma, obteve-se um resultado satisfatório, pois, ao ser trabalhado o processo de criação, as crianças conseguiram expressar, por meio de desenhos, sua imaginação relacionando-a com suas vivências e experiências.

**Palavras-chave:** Arte. Contação de História. Imaginação.

**Storytelling and the imaginary**

The purpose of this research is to present the importance of storytelling in the development of the imagination of elementary school students. The guiding question of the investigation was how storytelling can influence the development of imagination and disinhibition of the creative process of students. In order to achieve the proposed objective, a qualitative research was carried out, which made it possible to understand and analyze the data obtained; bibliographic, which expanded the understanding of the topic addressed and field research, at which time the researcher himself performed storytelling and story-related activities, involving imagination and creation. It was developed with a class of first year of Elementary School I. With regard to the classes developed with the class, a satisfactory result was obtained, because, when the creation process was worked, the children were able to express, through drawings, your imagination relating it to your life experiences.

**Keywords:** Art. Storytelling. Imagination

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, União de Ensino Superior do Paraná – Uespar/Facitec.

<sup>2</sup> Professora e orientadora. Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. UNIOESTE

## INTRODUÇÃO

A contação de história tem um papel fundamental na educação escolar, principalmente na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, pois ela motiva os alunos a trabalharem com suas percepções e vivências, influenciando o processo de criação e estimulando o imaginário. Dessa forma, ao ampliar as percepções sobre a realidade, as crianças relacionam os acontecimentos do plano imaginário com os acontecimentos do mundo real.

Com isso em vista, é possível afirmar que o trabalho com contação de história interfere no modo de pensar individual, pois mesmo que sejam expostos a um mesmo contexto, cada sujeito tem um modo de ser e agir perante determinadas situações e, quanto mais rico for o repertório imaginativo dos sujeitos, ou seja, quanto maior for a estimulação do imaginário, seja por meio das contações de histórias, seja por meio de outros recursos, maior será seu potencial de compreender a realidade que o cerca e, assim, ter maiores condições de agir conscientemente nela.

Dentre os inúmeros motivos que impulsionaram a elaboração deste estudo, o mais relevante foi o desenvolvimento das crianças por meio da contação de histórias e da imaginação, uma vez que as crianças, por vezes, estão interligadas com a tecnologia e, a grande maioria não tem o gosto e o hábito em ler livros, sendo que os mesmos apresentam uma riqueza de detalhes e lhes permitem reconstruir a história por meio da imaginação. O exposto vem ao encontro do apresentado por Torres e Tettamanzy (2008), que reiteram que

Ao utilizar-se a contação de histórias, todos saem ganhando, sejam os ouvintes, que serão instigados a imaginar e criar, seja o contador, que terá a oportunidade de recriar um ambiente de resgate da memória. [...]. Assim, quem mais sai ganhando é, na verdade, a sociedade, que receberá cidadãos mais criativos e capazes de conviver com a diversidade. (TORRES e TETTAMANZY, 2008, p.07).

Deste modo, buscamos trabalhar a contação de histórias com os alunos do Ensino Fundamental I, visto que esse pode ser um dos primeiros vínculos estabelecidos com o mundo da imaginação e é por meio das contações que estimulamos o gosto pelo querer saber o que vem depois do que já foi relatado na história. Desta forma, as crianças buscam, por meio de suas memórias e imaginações, relatar o que gostariam que acontecesse no ato da história suscitando o seu imaginário, uma vez que, para Silveira

Contar ou ler histórias para as crianças possibilita suscitar o imaginário infantil, responder perguntas, encontrar e criar novas ideias, estimular o intelecto, descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das soluções. [...]. Contar e ler histórias implica também em desenvolver todo o potencial crítico da criança, pois através da audição de histórias a criança é levada a pensar, questionar e duvidar, estimulando desta forma o seu senso crítico. (SILVEIRA, 2008, p.26).

Sendo assim, o presente estudo busca apresentar a contribuição da contação de histórias para o desenvolvimento infantil. Para a realização dessa pesquisa, foram utilizadas diferentes formas de pesquisa: a pesquisa qualitativa, que permitiu analisar e compreender os dados obtidos e contrapô-los com as literaturas estudadas; a pesquisa bibliográfica para o aprimoramento dos conhecimentos acerca do tema abordado; e a pesquisa de campo, na qual o pesquisador atuou em sala de aula, realizando contações e fomentando discussões sobre elas. Foram contadas histórias e, na sequência, debatidas, para que os alunos apresentassem suas compreensões a respeito delas e exibissem por meio de representações seu imaginário sem inibição.

A pesquisa foi desenvolvida com alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental I, no período vespertino, em uma escola municipal do município de Palotina. Os sujeitos da pesquisa, portanto, foram crianças na faixa etária entre 5 e 6 anos que necessitam muito da intervenção do professor na realização das atividades e encontram-se em um período de vasta imaginação em tudo que realizam. Assim, a pesquisa de campo desenvolveu-se em dois momentos, sendo que no primeiro foi trabalhado a história: “Camilão, o comilão”, da autora Ana Maria Machado; e, no segundo momento, a história: “Alice viaja nas histórias” do autor Gianni Rodari.

O estudo está organizado da seguinte maneira: em um primeiro momento, buscou-se apresentar os primeiros indícios do surgimento da arte e seu desenvolvimento, pois é por meio desta arte que temos contato com a contação de história voltada para a imaginação e criação das crianças. Na sequência, é abordada a questão do imaginário e da criatividade na infância e após é exposto como a pesquisa foi desenvolvida, demonstrando os resultados desse estudo.

## **ARTE, CONTAÇÃO E IMAGINAÇÃO**

É de conhecimento geral que o início da arte se deu por meio da pré-história, momento em que tinha como função demonstrar a comunicação entre os indivíduos

presentes na tribo. Também era utilizada como foco em almejar algo para sua sobrevivência.

Com o passar do tempo, a arte foi tomando maior expansão, voltada então, para a produção elevada do trabalho humano, recriando as existências e tornando-as algo novo. Assim, de acordo com Vygotsky, a arte está para todos, basta saber como produzir algo novo sob algo que já foi criado, uma vez que

A arte está para a vida como o vinho para a uva – disse um pensador, e estava coberto de razão, ao indicar assim que a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material. (VYGOTSKY, 2001, p.307).

A arte, portanto, pode ser entendida como produto cultural, desenvolvendo a ligação entre o indivíduo e o gênero humano. Ao fato de ser cultural, podemos dizer que essa é passada por gerações em que deve ser compreendida com extrema ligação ao sentimento humano. Ainda, de acordo com Vygotsky, citado por BARROCO e SUPERTI, podemos compreender que

A arte é a objetivação dos sentimentos humanos, uma técnica elaborada pelos homens que permite aos indivíduos socializar determinado sentimento, como também, ao mesmo tempo, torná-los pessoal, parte do psiquismo. (VYGOTSKY, 1999 apud BARROCO e SUPERTI 2014, p.26).

De acordo com as autoras Barroco e Superti (2014), o movimento de superação das emoções contraditórias que a arte suscita, como a própria criatividade, necessita de recursos da imaginação para a elaboração. Vygotsky reitera que

A imaginação é uma atividade superior capaz de criar e combinar fatos, percepções e imagens a partir do que já foi vivido, ou seja, a experiência serve de base para a imaginação, mas o produto desta distancia-se do imediatamente percebido. (VYGOTSKY, 1998 apud BARROCO; SUPERTI 2014, p.28).

A arte, nos processos iniciais de formação, deve estar interligada com a contação de história, que é de fundamental importância para os alunos, principalmente nos primeiros anos escolares, pois é nessa etapa da vida que o ser humano começa a construir o seu meio de vivência e é também o momento em que as crianças começam a lidar com suas emoções e sentimentos, compreendendo assim, como este indivíduo deve agir mediante a sociedade.

De acordo com Torres e Tettamanzy (2008), desde os primeiros seres, o saber era transmitido oralmente, sendo a memória o único recurso de armazenamento e

transmissão de conhecimento para as futuras gerações. Com isso, recorre-se a Meireles (1979), que afirma que

O ofício de contar histórias é remoto (...) e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida. (MEIRELES, 1979, apud TORRES; TETTAMANZY 2008, p.2).

O gosto pela leitura pode ter iniciado por meio da comunicação, sendo que o primeiro contato ocorreu com a literatura, em que passam as informações de geração para geração. As pessoas que têm o hábito de ouvir histórias, possivelmente, terão sua formação de identidade mais ampla e uma imaginação mais aguçada e serão instigadas a se tornarem excelentes leitores.

De acordo com Torres e Tettamanzy (2008), hoje ainda se tem muitos educadores que não compreendem a importância que as histórias têm e simplesmente utilizam para acalmar os alunos. Na mesma perspectiva, Torres e Tettamanzy (2008, p. 03) reiteram que “as salas de aula, antes de serem lugares onde existem livros com suas histórias presas em si, devem ser lugares onde as vozes correm vivas e entram em cabecinhas ávidas por imaginar”. Com isso em vista, deve-se reforçar aos professores que, após uma contação, deixem um espaço para os alunos exporem suas ideias e dialogarem entre si. Ler não é um dever, mas sim um direito, no qual deve se ter uma iniciativa própria de cada ser. É necessário apenas indicar o caminho para poderem despertar o gosto pela leitura.

É a partir do detalhamento da contação que o aluno estabelece um contexto da história e acaba se tornando encantado pelo motivo de poder vivenciar a história sem estar presente em via dos fatos. Sob a ótica de Torres e Tettamanzy (2008), a performance (movimento de expressão corporal) na hora da contação é um momento de encenação da história. Desta forma, cada história toma um rumo diferente mesmo sendo a mesma história, cada pessoa possui uma sensação diferente ao ouvir a mesma história, visto que “É a história da vida de cada um que determinará com que cores e com que música ela vai soar” (BUSSATO, 2003, apud TORRES e TETTAMANZY 2008, p. 7).

A partir do exposto sobre as sensações que são despertadas ao se contar histórias, torna-se evidente a questão relativa ao poder da magia da contação de histórias em sala de aula. De acordo com Silveira (2008), a imaginação é muito

importante, pois é um dos primeiros meios das crianças entenderem suas próprias emoções e um grande meio de desenvolver o potencial crítico das crianças. Na perspectiva de Silva (1997),

A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva. A ação se desenvolve e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens; mas sem perder o senso crítico, que é estimulado pelos enredos (SILVA, 1997, apud SILVEIRA 2008, p.26).

Tendo em vista o desempenho pedagógico, acredita-se que as crianças se comovem com a maneira com que as histórias são contadas e não com o contexto geral da história em si.

Silveira (2008) aborda sobre os antigos e os novos contadores. Segundo a pesquisadora, os antigos contadores usavam a língua oral primária não contendo escrita, já os novos contadores utilizam a escrita a qual tem como meio de busca a biblioteca. Inferimos que até a biblioteca deixou de ser a fonte única dos contadores. Ainda se utilizam livros, mas muitos utilizam os meios tecnológicos, pois sempre que contadas, acompanham uma versão da história em mídia. O novo contador se forma por meio da prática repentina da contação.

Além disso, para se contar um conto, é necessário se fazer pausa, dando, assim, tempo para a individualidade imaginária de cada criança. Com isso, a criança consegue se localizar sobre o que o contador está querendo transpassar. Por outro lado, é de fundamental importância o poder de fantasiar os mínimos detalhes para que as crianças possam mergulhar diretamente na história sem interrupções alheias de outro espaço.

Nesta perspectiva, Patrini (2005) afirma que

Assim enquanto a escola demonstra que ainda precisa de mais tempo para chegar a uma compreensão mais aprimorada e justa da questão, o público escolar, ao contrário, sabe apreciar naturalmente uma sessão de contos na qual o “humor e o maravilhoso são saboreados, o tempo não existe para eles. Eles pedem sempre mais”, diz a contadora Muriel Bloch [...] (PATRINI, 2005 apud SILVEIRA 2008, p.32).

É indiscutível que a contação de história deve estar diretamente ligada com o imaginário do indivíduo, pois é somente com o imaginário que as crianças desenvolvem a criatividade futura. Sabe-se que a criatividade não se dá por meio de uma qualidade gerada do próprio sujeito, mas sim por meio da interação do mesmo

com os demais na troca de informações. Para Vygotsky, a criatividade não é rara, mas está presente sempre que a imaginação humana combina, muda e cria algo. (VYGOTSKY apud MOZZER e BORGES, 2008 p.2). Compreende-se, assim, que é preciso buscar na infância os primeiros indícios imaginários, no qual o brincar da criança é determinado pelo desejo de ser grande e adultos.

Entende-se, portanto, que a contação é um meio a mais de aprendizado. As crianças sempre querem mais ao modo que acabam mexendo com o seu intelecto imaginário. Dessa forma, jamais devem encontrar barreiras que privem suas próprias vontades de imaginar e sonhar, tomando, assim, mais gosto pela leitura de qualquer conto que seja.

Há uma grande importância em deixar os alunos opinarem e dialogarem entre meio da contação, pois assim o tema abordado acaba entrando num foco mais real e vivenciado pelos próprios alunos, criando expectativas diferentes e compreendendo que uma aula pode ser muito mais divertida, utilizando-se de um diálogo do que uma teoria sem questionamentos. Assim, os alunos presenciam as contações de forma mais relacionada com o seu cotidiano, imaginando a história contada, por meio, de suas vivências e experiências.

Considerando a importância de se contar história em sala de aula, deve-se incentivar não somente o hábito da leitura, mas, também, valorizar e estimular o potencial que cada indivíduo possui em expressar o seu sentimento. Com isso, ele lida com suas emoções de forma socializada, sabendo, assim, se impor mediante algo constrangedor e inesperado que lhe atinge não reagindo de forma brusca e ignorante.

A opinião dos alunos diante uma contação de história é de extrema importância, porém, nas discussões em âmbito nacional, se tem pouco discutido a respeito do desenvolvimento da imaginação dos alunos.

Vygotsky (1998) citado por Santos (2008, p.61), traz a ideia de que a imaginação é primária, estando presente desde o princípio na consciência infantil, da qual procede todo o resto da personalidade. A imaginação vai se desenvolvendo mediante seu próprio desenvolvimento, sendo importante em todos os processos desde a infância, adolescência até a vida adulta. Ainda segundo Vygotsky (1998 apud SANTOS, 2008, p. 62), a imaginação – que caracteriza uma função superior – depende da experiência que, na criança, vai se acumulando e aumentando paulatinamente, com peculiaridades que a diferenciam da experiência dos adultos.

Da mesma forma que as vivências dos alunos interferem no processo imaginativo, as experiências dos professores e suas relações interpessoais influenciam na forma com que encaminham suas práticas pedagógicas e a maneira com que estimulam o processo criativo dos alunos.

Ao abordar a fantasia, por exemplo, é preciso considerar que ela está diretamente interligada com algo já visto na realidade. Segundo Vygotsky, todo ato imaginativo compõe-se de elementos tomados da realidade e extraídos da experiência em uma nova combinação, ou seja, “[...] a fantasia se constrói sempre a partir dos materiais captados do mundo real (VYGOTSKY apud OLIVEIRA; LIMA 2017, p.1402)

A escola é um meio em que há inúmeras trocas de comunicações. Assim, essa deveria ser um espaço promotor da criatividade e não um inibidor dela, para isso, deve-se dialogar o máximo possível com os alunos para que os mesmos consigam expressar o seu conhecimento sem serem constrangidos pelo certo ou errado. Esta questão perpassa pela formação do professor, que é de extrema importância, para que saiba conduzir o processo educativo com eficácia e responsabilidade. Os profissionais da educação que gostam do que fazem e fazem este trabalho com amor e consciência da importância de um trabalho bem feito, tendem a cativar seus alunos pelo gosto da aula. Nesta perspectiva, Oliveira e Lima (2017) categorizam que

O problema hoje expresso está na necessidade de as instituições educacionais formais e não formais se preocuparem com um conjunto de competências que estão muito mais em nível da subjetividade/intersubjetividade da atuação profissional e pessoal do que nas qualificações anteriormente prescritas pela educação convencional. A formação de professores surge como *lócus* de desenvolvimento da criatividade, principalmente quando está articulada com o contexto de trabalho dos educadores. (OLIVEIRA; LIMA, 2017, p.1416).

Vale ressaltar que para ocorrer a interação por meio da imaginação, deve-se conter o interesse dos alunos e professores mediante a produção de conhecimento.

A partir do exposto, é possível afirmar que a arte foi um dos primeiros meios de comunicação da humanidade. Dessa forma, ela contribui com o desenvolvimento da criticidade do ser e auxilia no autoconhecimento tendo como ponto de partida suas próprias vivências que estão ligadas com os sentimentos e imaginações. A mesma está em constante ligação com a leitura, pois, ao iniciar o processo de ensino aprendizagem, as crianças começam a desenvolver o hábito de ler por meio de



desenhos ou gravuras expressas nos livros, assim contam o que estão vendo nas figuras instigando-os a aprender ler as palavras expostas no livro.

Enfatiza-se, portanto, que um dos meios de desenvolver a imaginação é a contação de histórias, pois com estas, o ser consegue imaginar para além do que se ouve, principalmente quando a história é contada com uma riqueza de detalhes. Isso contribui na formação de sujeitos pensantes e criativos que são capazes de se posicionarem na sociedade.

Face a isso e na intenção de refletir sobre a imaginação, dedica-se, na próxima seção, à análise de exemplares de desenhos feitos por alunos do Ensino Fundamental I, momento em que estes estudantes puderam expor sua imaginação, expressando seu entendimento da história, o qual está, conforme mencionado anteriormente, diretamente relacionado às vivências individuais.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este estudo teve como base a pesquisa qualitativa, na qual, de acordo com Dalfovo, Lana e Silveira (2008), o que predomina é a informação coletada pelo pesquisador. Porém, a mesma não é expressa em números ou em modo instrumental estatístico como base na análise de um problema. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), “A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação”. (BOGDAN; BLIKEN 1994 apud PAULA, s.d, p.3235). Assim, não possui um significado preciso em quaisquer das áreas onde sejam utilizados. Segundo Lana e Silveira (2008), dentro de tal conceito amplo, os dados qualitativos incluem também informações não expressas em palavras, tais como pinturas, fotografias, desenhos, filmes, vídeos tapes e até mesmo trilhas sonoras (TESCH, 1990 apud DALVFOVO; LANA e SILVEIRA, 2008, p.09).

Ao abordar os dados qualitativos, o presente estudo analisa o desenvolvimento por meio da imaginação dos alunos e os apresenta em forma de desenhos, assim, não houve utilização de dados expressos por palavras ou escritas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizada também, a pesquisa bibliográfica que, de acordo com as autoras Marconi e Lakatos (2003), abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações

avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, entre outros. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

Realizou-se, também, uma pesquisa de campo com o objetivo de obter informações e conhecimentos mediante um problema, para o qual se busca uma resposta. Para as pesquisadoras, “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los”. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.186)

A pesquisa de campo está voltada para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando a compreensão de vários aspectos da sociedade, tendo como vantagem o acúmulo de informações sobre determinado fenômeno e a facilidade na análise comportamental dos indivíduos.

Levando em consideração as afirmações do autor Gil (2002), a pesquisa ação tem como base o envolvimento ativo do pesquisador e a ação por parte das pessoas ou grupos que serão envolvidos no problema, de acordo com THIOLENT (1985)

É um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLENT, 1985 apud GIL 2002 p.55).

Dessa forma, o pesquisador teve um contato direto com os participantes da pesquisa, sendo estes, alunos do primeiro ano B do Ensino Fundamental I, que são crianças na faixa etária de 05 a 06 anos de idade. Ao questionar os alunos, se possuem o hábito de ouvir histórias em casa, e com qual frequência os pais contam essas histórias, obteve-se como respostas que eles não ouvem muitas histórias em casa por falta de tempo dos pais devido a seus trabalhos. No entanto, são crianças inteligentes e interessadas a aprender algo novo sempre aceitando opiniões e respeitando o máximo possível o outro. Na sequência, apresenta-se a maneira como ocorreu a coleta dos dados.

## A PRÁTICA DA CONTAÇÃO

Para a geração dos dados a serem analisados neste estudo, dividiu-se a prática pedagógica em dois momentos, os quais serão descritos abaixo.

Em um primeiro momento, ocorreu a contação da história “Camilão, o Comilão”, da autora Ana Maria Machado, utilizando como recurso imagens confeccionadas pela própria pesquisadora. Em seguida, explorou-se a história oralmente (sequência dos fatos, quais e quantos animais fazem parte da história, a sequência que cada animal aparece, alimento que cada animal doou e a quantidade doada por cada um deles). Após isso, os alunos foram instigados a imaginar como foi a festa que Camilão fez a seus amigos e desenharem o que e qual a quantidade de alimentos doaria para o Camilão, caso fossem convidados para a festa, sendo solicitado, então, que estes ilustrassem o que imaginavam. Após este trabalho de questionamento e diálogo, foram encaminhadas atividades de registro sobre a história por meio das ilustrações feitas pela própria pesquisadora. Para finalizar, retomou-se, em forma de perguntas, o assunto abordado em sala para melhor compreensão de todos.

Em um segundo momento, foi contada a história “Alice viaja nas histórias”, do autor Gianni Rodari e, como recurso, utilizou-se o próprio livro publicado pelo autor. Em seguida, os alunos foram levados a se colocarem no lugar da personagem e desenharem qual história eles gostariam de presenciar, de modo que pudessem evidenciar suas vivências por meio das ilustrações, assim, estes alunos conseguem retratar o que sonham para um possível futuro.

## ANALISANDO AS OBRAS POR MEIO DA IMAGINAÇÃO

A análise dos desenhos feitos pelos alunos possibilita a compreensão da efetiva realidade destes, identificando, assim, o que esses alunos vivenciam no cotidiano, uma vez que, geralmente, como já mencionado, há a representação das próprias vivências dos alunos quando se solicita a ilustração. Vygotsky reitera que

Isto mostra que a arte é a mais importante concentração de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade, que é um meio de equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida. (VYGOTSKY, 2010, p.328).

Face a isso, em primeiro momento, no qual os alunos deveriam imaginar o final da história e demonstrar por meio do desenho, notou-se que o imaginário das crianças fluiu da forma como eles se inseriram na história, por meio de emoções e sensações. Nesta perspectiva, Vygotsky aponta que

Poderíamos demonstrar que a arte é uma emoção central, é uma emoção que se resolve predominantemente no córtex cerebral. As emoções da arte são emoções inteligentes. Em vez de se manifestarem de punhos cerrados e tremendos, resolvem-se principalmente em imagens da fantasia. (VYGOTSKY, 2001, p.267).

Neste primeiro momento, eles participaram da contação da história “Camilão, o Comilão”, história que relata a vida de um leitão que morava na floresta e se chamava Camilão, era muito preguiçoso e guloso, não gostava de trabalhar, mas, mesmo sendo desse jeito, seus amigos gostavam dele. Camilão adorava comer cada dia na casa de um amigo diferente e, certo dia, este leitão saiu de sua casa com uma cesta e um guardanapo, e ao encontrar no caminho um por um de seus amigos com frutos do próprio trabalho, Camilão, falava que estava com muita fome e que iria desmaiar, sempre com a mesma conversa, assim, seus amigos falavam que não custava nada dar um pouco a Camilão, e ao recolher de todos seus amigos, Camilão convidou-os para comer junto, dando uma festa para seus amigos.

Mediante o exposto e a proposta da atividade que consistia na elaboração do final da história, alguns alunos tiveram facilidade ao imaginar e desenhar, enquanto outros ainda tinham dúvidas se o que ele imaginou estaria certo e errado, vinculado ao cotidiano, onde, inúmeras vezes é imposto o que é certo e errado do modo de vista da sociedade, como podemos notar no desenho da aluna Sabrina.

IMAGEM 1: DESENHO DA ALUNA SABRINA



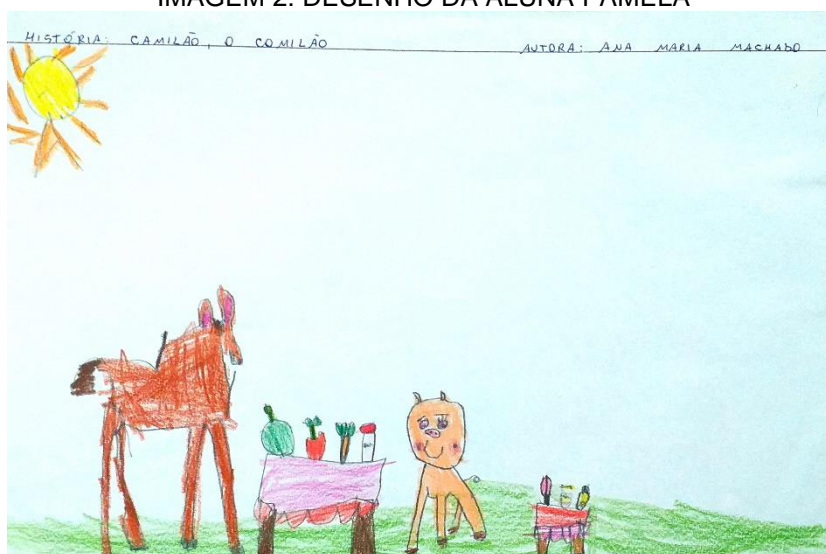
FONTE: Arquivo pessoal (2019)

Observa-se, na Imagem 1, que os traços não são tão definidos, assim, como os possíveis animais desenhados não ganham forma, o que dificulta a compreensão.

Nesta questão, é importante ressaltar que pelo fato de ainda não terem habilidade no desenho, ou pelo fato de não ser ensinado em sala de aula, muitas crianças não conseguem expressar o que imaginam em forma de desenho. Às vezes, possuem uma imaginação muito “rica”, mas não conseguem expor no papel, passando ao professor, a impressão de que sua imaginação é “pobre”, mas que na verdade, apenas faltam-lhe habilidades para expressá-la melhor.

A influência da imaginação foi baseada no que ela já conhece e entende sobre floresta, ilustra um número até elevado de árvores quando outros não imaginam a quantidade possível ou se, até mesmo, tinha árvores em uma floresta como verificasse no desenho Imagem 2, exposto na sequência, no qual a aluna Pâmela, desenvolve melhor a forma no desenho, com traços e contornos precisos, tornando-o mais compreensível.

IMAGEM 2: DESENHO DA ALUNA PÂMELA



FONTE: Arquivo pessoal (2019)

No desenho em questão, percebe-se que, em sua perspectiva, a floresta representa um lugar de lazer, calmo e de tranquilidade, no qual tudo ocorre da maneira mais organizada possível, quando não aparece lixo no chão, a grama de forma delineada, somente até certa altura, os pertences localizados em cima da mesa de forma separada.

Já outro aluno, cujo desenho está representado na Imagem 3, tem a perspectiva de uma floresta tumultuada, com algazarra, podendo este estar interligado

com o seu meio social e até mesmo com suas vivências, como pode-se observar, no desenho abaixo, que demonstra uma perspectiva ampla da floresta, sem panorama padrão de localização dos personagens.

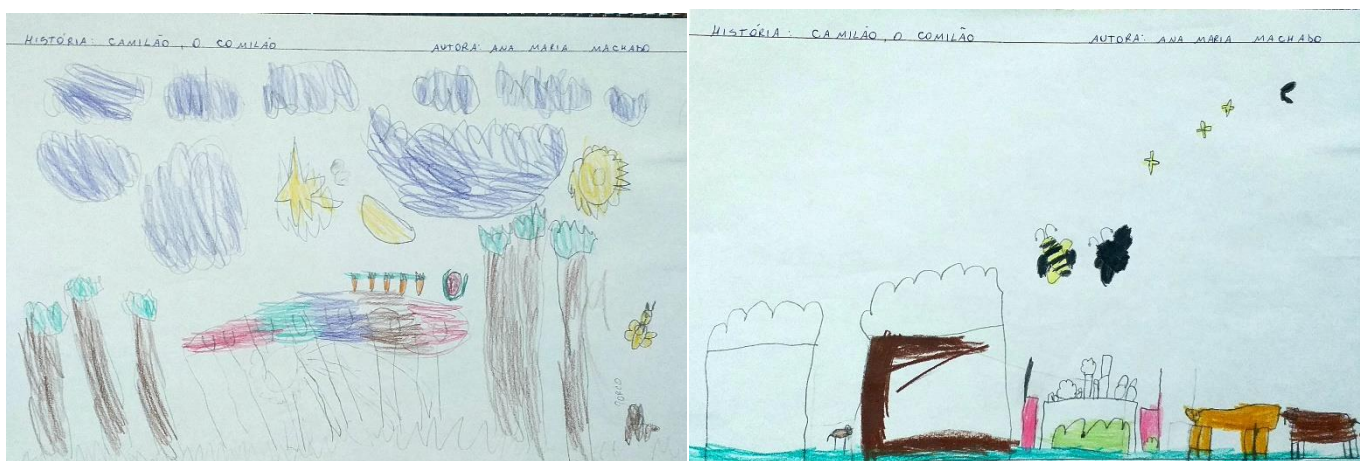
IMAGEM 3: DESENHO DA ALUNA VITÓRIA



FONTE: Arquivo pessoal (2019)

Dos expostos e analisados, volta-se a atenção para os desenhos a seguir, que, no desenrolar da história, as estudantes tiveram a compreensão que a história havia ocorrido depois do pôr do sol, e, sem interferência da professora, as alunas voltam a sua imaginação para um modo não mencionado, o que pode ser notado nos desenhos a seguir, os quais correspondem às imagens 4 e 5.

IMAGEM 4 E 5: DESENHO DAS ALUNAS NATALIA E EMANUELE



FONTE: Arquivo pessoal (2019)

Nota-se que ambas relataram o momento da festa na floresta no período noturno, onde retratam estrelas e a lua, no qual em momento algum da história falava que a festa teria sido neste período, e, ao questioná-las, teve-se como respostas que, depois de todo relato da contação, elas imaginaram que, após tanto esforço e trabalho, já não estava mais dia, relatando que pensam que as festas neste período devem ser mais divertidas, podendo estar ligado também com o seu cotidiano e suas experiências de vida.

Assim, nota-se que a arte se baseia por meio das experiências de vida dos alunos, a qual está interligada com os comportamentos, baseando-se tanto no passado, no presente ou em um possível futuro, que, ainda, de acordo com Vygotsky,

A arte é antes uma organização do nosso comportamento visando ao futuro, uma orientação para o futuro, uma exigência que talvez nunca venha a concretizar-se, mas que nos leva a aspirar acima da nossa vida o que está por trás dela. (VYGOTSKY, 2001, p.320).

No segundo momento, buscou-se estimular o imaginário por meio da contação de uma história que se transpassava por outras histórias na mesma história, ou seja, dentro de uma mesma história, outras histórias estavam presentes. Com isso, os alunos deveriam imaginar e, por meio do desenho livre, expor uma história em particular que eles gostariam de participar.

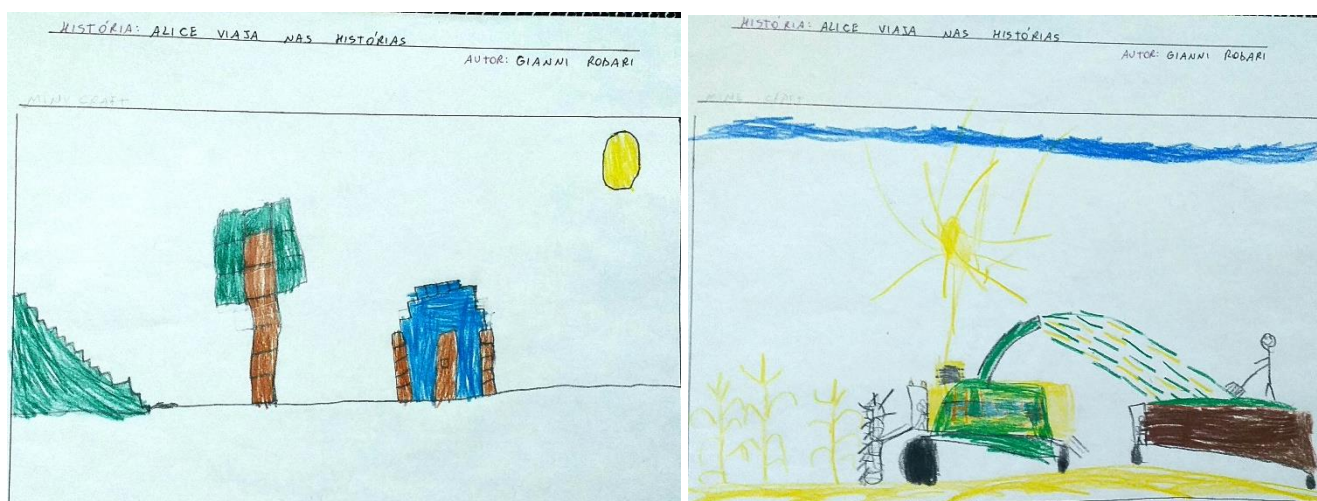
Neste momento, os alunos participaram da contação da história, “Alice viaja nas histórias”, a qual relata o dia de uma garotinha chamada Alice, que devido ao dia estar chuvoso não conseguia ir brincar fora de casa, e, na televisão, passava um programa muito chato. Mesmo sem vontade, ela foi até a estante da sala e pegou um livro de figuras, as primeiras páginas ela ainda estava entediada, e, somente na terceira página, se interessou tanto pelo livro que escorregou e caiu dentro dele. De primeiro momento, se integrou na história da Bela Adormecida, seguindo para a história da Chapeuzinho Vermelho, e, por fim, na história do Gato de Botas, o qual muito furioso, o gato acaba colocando Alice para fora do livro. Ao retornar e olhar pela janela, já não estava mais chovendo e ela podia descer até o quintal para brincar.

A partir do solicitado, foi possível notar que, nesta etapa, o imaginário varia dos contos de fadas aos jogos expostos pela sociedade nos dias atuais, o que dialoga com Vygotsky, que aborda que

Para uma criança com menos de três anos o brinquedo é um jogo sério, assim como o é para um adolescente, embora, é claro, num sentido diferente da palavra; para uma criança muito pequena, brinquedo sério significa que ela brinca sem separar a situação imaginária da situação real. (VYGOTSKY, 2001, p.124).

Assim, quando se observam os desenhos das crianças, Imagem 6 e 7, na sequência, pondera-se que os mesmos imaginaram o jogo minecraft, que permite fazer construções usando blocos “mundo feito de pecinhas”, que está na atualidade e que a grande maioria está conectada por meio destes jogos, nem que seja só porque o colega, primo ou vizinho joga.

#### IMAGEM 6 E 7: DESENHO DOS ALUNOS JOÃO PAULO E LEVI

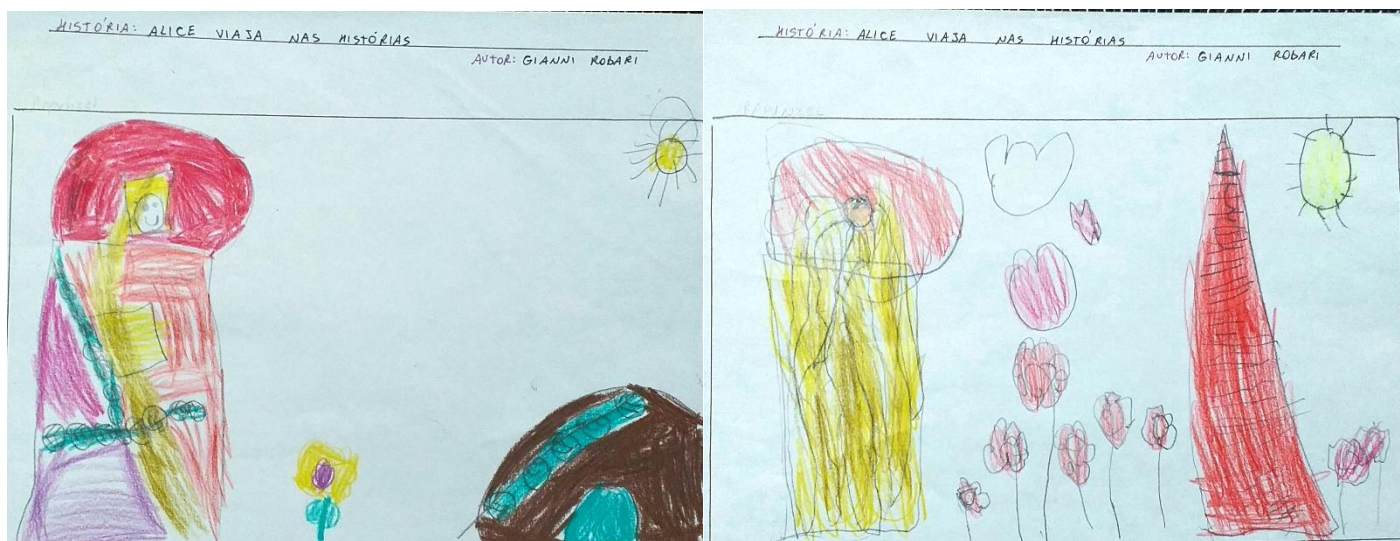


FONTE: Arquivo pessoal (2019)

Apesar da imaginação ser única, sempre haverá aqueles que ficarão na dúvida se realmente podem expor sua ideia, que é o que ocorreu no segundo momento da análise, representado nas Imagens 8 e 9. Houve várias crianças do sexo feminino que apresentaram sua imaginação por meio do desenho da “Rapunzel” e, ao questioná-las, algumas relataram que simplesmente gostavam do desenho, enquanto outras falaram que copiaram da colega, porque não sabiam o que desenhar. O exposto leva à reflexão de que há crianças que já possuem o seu imaginário privado por algum meio. Essa cópia do colega, por exemplo, pode ocorrer pelo simples fato de insegurança consigo mesma ou por medo de relatar algo que esteja errado, assim, o que é evidenciado no desenho abaixo, são as cópias feitas dos colegas, que possuem o mesmo foco, mas cada um tem o seu estilo, o qual nota-se por contextos explícitos, diferentes um dos outros.



IMAGEM 8 E 9: DESENHO DAS ALUNAS ANA E ESTHER



FONTE: Arquivo pessoal (2019)

E, ao questionar quanto ao desenho da aluna Joana, como verifica-se no desenho 10, a aluna expôs que desenhou a Pequena Sereia, não porque achava ela bonita, mas por querer que os rios e praias fossem desse jeito: um mar limpo sem poluição, no quais habitava tranquilidade e paz, podendo assim, estar relacionada com o seu cotidiano.

IMAGEM 10: DESENHO DA ALUNA JOANA



FONTE: Arquivo pessoal (2019)

Conforme exposto acima, a imaginação das crianças foi representada por meio das ilustrações, o que é defendido por Vygotsky que a criação se dá por meio do poder imaginário e na relação com as experiências diárias de cada um. Por este motivo, não

se deve inibir o processo de desenvolvimento dos alunos, mas sim proporcionar momentos de criação e estímulo à imaginação, pois a arte possibilita um vasto diálogo com as vivências e experiências dos sujeitos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio deste estudo, foi possível constatar que as aulas de arte podem contribuir sobremaneira para com a imaginação. Assim, compete ao professor estimular o desenvolvimento dos alunos, não os regrado de maneira extrema mas, dialogando sempre que possível, justificando o porquê das respostas dos alunos, explicando assim, o motivo destas estarem certas ou erradas. Com estes métodos, os alunos não se abalam e sempre estão dispostos a opinarem sobre os questionamentos feitos em sala pelo professor.

Constatou-se, também, que a contação de história é uma excelente aliada da imaginação e da criação, pois ao ouvir ou ler uma história, os sujeitos têm a possibilidade de reconstruir a história em seu pensamento, podem imaginar o cenário onde a história está acontecendo, interpretar de diversas maneiras os comportamentos dos personagens, escolher o personagem que tem maior afinidade e ainda se imaginar no lugar dos personagens, ou seja, como agiriam se eles mesmos, fossem os personagens da história.

Como forma de desenvolvimento da imaginação, a disciplina de Arte tem fundamental importância, uma vez que os professores possuem a função de instigar os alunos a criarem e recriarem o conhecimento que recebem. Os professores precisam oferecer aos seus alunos a oportunidade de criarem e reinventarem as histórias, seja no papel por meio de desenhos, seja na forma oral por meio de músicas ou de teatros. É necessário superar as práticas em que as contações de histórias servem apenas como consumação de conteúdos de outras disciplinas, ou mesmo práticas em que há a contação de história, sempre da mesma forma, e que, na sequência, os alunos recebem desenhos prontos somente para pintura, pois práticas como estas podem desestimular o processo criador e imaginativo dos sujeitos e associar a ação de ouvir e ler histórias com algo ruim, ou seja, ouvi uma história, agora terei que fazer uma atividade sobre ela atendendo os requisitos estabelecidos pela professora, sem espaço para criação e imaginação.

O papel do professor de arte neste contexto é fazer do momento da contação de histórias, um momento mágico, no qual os alunos possam viajar pelas histórias e reconstruí-las em seus pensamentos para que a cada história contada eles possam expandir sua imaginação e relacionar os contextos das histórias com suas próprias vivências, aprendendo, assim, de forma mais criativa a se posicionarem no mundo em que vivem.

## REFERÊNCIAS

BARROCO, S.M.S; SUPERTI, T. **Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano**, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309330671004>. Acesso em 21 de março. 2019.

DALFOVO, M.S; LANA, R.A; SILVEIRA, A. **Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico**, 2008. Disponível em: [https://www3.ufpe.br/moinho\\_juridico/images/ppgd/9.1b%20metodos\\_quantitativos\\_e\\_qualitativos\\_um\\_resgate\\_teorico.pdf](https://www3.ufpe.br/moinho_juridico/images/ppgd/9.1b%20metodos_quantitativos_e_qualitativos_um_resgate_teorico.pdf). Acesso em 07 de maio. 2019.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**, São Paulo: Atlas S.A, 2003.

MOZZER, G.N.S; BORGES, F.T. **A criatividade infantil na perspectiva de Lev Vigotski**, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/5269>. Acesso em: 26 de março. 2019.

OLIVEIRA, A.B.F; LIMA, A.I.B. **Vigotski e os processos criativos de professores ante a realidade atual**, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/62025>. Acesso em 16 de abril. 2019.

PAULA, K.A. **A contribuição da contação de histórias em turma de primeiro ano do ensino fundamental**. s.d. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23409\\_12618.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23409_12618.pdf). Acesso em 26 de abril. 2019.

SANTOS, I.S. **A imaginação e o desenvolvimento infantil**, 2008. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2009/11/Artigo-09-13.2.pdf>. Acesso em: 18 de março. 2019.

SILVEIRA, B.F. **Contação de histórias na sala de aula: um poder mágico!** 2008. Disponível em: [www.periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/13402](http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/13402). Acesso em 10 de abril. 2019.

TORRES, S.M; TETTAMANZY, A.L.L. **Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação.** 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/5844>. Acesso em 28 de março. 2019.

VIGOTSKI, L.S, **Psicologia da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.